

*Fora de Série,
Junho 2013*

OPERACÃO STOP

Mulheres e carros. Haverá assunto melhor? O fetiche preferido dos homens juntou-se ao segundo fetiche preferido dos homens para acelerar as batidas cardíacas deste Verão. Airbag não incluído.

+

*PORSCHE 911, O CINQUENTÃO TEIMOSO
COM MAIS CHARME DO ASFALTO*

*DETERMINADA E DECIDIDA: A DESIGNER
NINI ANDRADE SILVA ATÉ O PRÓPRIO NOME ESCOLHEU*

Diário Económico

Revista distribuída com o Diário Económico
n.º 5690 de 07 de Junho de 2013.
Posteriormente vendida em banca
ao preço de capa de 1,60 euros.



“NÃO TENHO UM TRABALHO, TENHO UM PROJECTO DE VIDA”

Nini Andrade Silva tem 52 anos e quase 30 de carreira. Da Madeira para o mundo, tornou-se na 'designer' de interiores mais conhecida e premiada de Portugal. Só recentemente esteve envolvida na construção do Beutique Hotel Figueira e na decoração do andar modelo de um novo condomínio de luxo no Chiado. Pelo mundo vai somando hotéis e prémios, sem nunca esquecer a sua fundação, Garota do Calhau, e o sotaque madeirense.

TEXTO DE JOANA MOURA FOTOGRAFIA DE GONÇALO F. SANTOS

Acabada de chegar de uma viagem de negócios de um mês à Ásia, Nini Andrade Silva contou à Fora de Série que abriu um atelier em Kuala Lumpur, onde tem planos para abrir uma loja para vender os seus móveis feitos em Portugal para toda região asiática, América Latina e África. Os negócios, onde se inclui uma futura parceria com um grande atelier internacional, foram o mote de uma entrevista que passou pelo percurso e pela vida da 'designer' mais premiada do país. A vida de avião em avião, a infância na Madeira e a sua visão do mundo, numa conversa sem pressas, em que Nini andou descalça pelo Fontana Park Hotel, para tirar as fotografias, coisa que adora fazer sempre que pode.

A última vez que falámos estava de partida para a Ásia para concretizar uns projectos que tinha em mente. Já nos pode falar disso?

Fui a Kuala Lumpur e ao Dubai. Em Kuala Lumpur estamos a fazer uma universidade, vamos fazer um 'resort', e fiz uma palestra numa universidade. E foi muito giro fazer uma conferência para asiáticos, que não pensam da mesma maneira que nós. Como foi numa universidade, quis fazer uma coisa diferente para não se esquecerem e para perceberem que têm de pensar nos seus clientes. Foi essa a razão porque apareci de robe, toalha enrolada no cabelo e pantufas. Para as pessoas perceberem que uma coisa pode ser perfeita e estar no lugar errado e aí torna-se completamente ridícula. E era isso que queria transmitir aos alunos. Temos projectos em tantos lugares do mundo. Em Portugal também temos bastantes, estamos a fazer um nos Açores, Évora, Madeira, Lisboa, tudo hotéis. Temos casas grandes também.

Mas em Kuala Lumpur ia abrir um atelier.

Sim, já abri o atelier, e queria abrir uma loja para vender lá os meus móveis, mas como o atelier está a crescer muito rapidamente, este projecto agora está em 'stand by' até Outubro. Cada vez mais os asiáticos têm dinheiro e gostam de coisas feitas na Europa, especiais e de qualidade. E nós temos uma mão-de-obra fantástica e aquilo que vamos fazer é fazer cá para vender lá. Um projecto do tipo "Portugal tem mãos para andar", em que a mão-de-obra se junta para vendermos as coisas na Ásia. E também na América Latina e em África.

Nestas conferências que tem feito descobriu uma coisa que gosta tanto de fazer como de 'design'...

Adoro palestras, adoro falar. Fiz um TEDx em Aveiro, que adorei, e entretanto fiz uma conferência em Abu Dhabi, na Roménia, agora na Ásia, e descobri que, de facto, adoro fazer palestras. E já me convidaram entretanto para ir a Miami em Setembro, vou à Colômbia no final de Maio e começam a convidar-me para fazer palestras à volta do mun-



Personagem

do. E adoro. É isso e pintar. Porque tenho uma grande experiência de andar pelo mundo de um lado para o outro e é uma obrigação transmitir às pessoas aquilo que se passa e as sensações que tive. As pessoas saem das universidades sem experiências de vida e é isso que tenho e é sobre isso que as pessoas me pedem para ir falar.

Começou logo a viajar assim que acabou o curso?

Ainda estudava e já ia para os EUA durante muito tempo. Já viajava muito nessa altura. Havia uma família na Madeira, a família Kiekeben – que foi quem começou a tapeçaria na Madeira e que levaram o Max Palmer para fazer postais –, que tinha uma loja em Nova Iorque e em Miami. Na altura, namorava um dos filhos, portanto convidavam-me sempre para ir com eles aos EUA e acabei por ir para lá. Trabalhei lá com muitos ‘designers’. Desde muito nova, sabia que em Portugal o ‘design’ não era como é agora, na América já era uma coisa fantástica. Habituei-me a pensar grande e, de facto, estava ao lado de grandes pessoas. Aprendi tanto com todas as pessoas que passaram pela minha vida.

Porque tem essa forma de absorver muito o que se passa à sua volta.

Sim, na vida, para mim, o que é importante é sentir. Costumo dizer que quando faço uma coisa não é o que se vê, é o que se sente. E é engraçado que as pessoas sabem quando é um trabalho meu. Aliás, quando fiz a minha palestra do TEDx, disfarcei-me e ia horrível, vestida da forma mais pirosa possível, com uma peruca que não tinha nada a ver comigo. E tentei transmitir às pessoas que não devem olhar para os outros pelo que vêem, mas pelo que sentem.

Avaliam-se muito as aparências?

Sim, e não tem nada a ver. Tenho conhecido pessoas fantásticas a vida inteira e se fosse avaliá-las dessa forma se calhar perdia muito.

Também gosta de pintar.

Sim, pinto muito e tenho a minha colecção da Garota do Calhau, que são as pedras, os calhaus da praia. Sempre pintei as pedras das praias, da Madeira, e as minhas pedras são enormes, de quatro e seis metros. Estou a fazer um hotel em Évora que tem pedras enormes e iguais aos meus quadros. Só pinto pedras.

Mas porquê pedras?

Não sei explicar. A minha colecção começou porque na Madeira os miúdos da rua eram conhecidos como os garotos do calhau, e quando fazia alguma coisa errada, a minha mãe dizia: “Pareces uma garota do calhau”. E, na realidade, esses miúdos não tinham muito boas condições de vida e pensei sempre: “Um dia quando crescer vou fazer alguma coisa para ajudar estas crianças”. Tanto que tenho uma fundação que se chama Fundação Garota do Calhau. A partir daí comecei a pintar quadros, cujo dinheiro da venda vai para a fundação para ajudar as crianças. E tudo na minha vida anda à volta das pedras do calhau.

Era reguila em criança? Ouvia a sua mãe dizer muitas vezes que parecia uma garota do calhau?

Sim, muito. No fundo, os garotos do calhau eram miúdos livres, que andavam na rua, podiam fazer o que quisessem, não tinham regras e eu, quando saía um pouco das regras, a minha mãe dizia isso.

Já nessa altura gostava de sair das regras...

Desde miúda. Aliás, o meu nome é Isabel e eu nunca respondia até me chamarem Nini. A minha mãe dizia que eu já vim determinada a fazer o que queria, até o meu nome escolhi.

E apesar de não gostar muito de regras, interiorizava bem os conselhos?

Sim, tinha o maior respeito pelos meus pais. Eram ambos professores. Se voltasse a nascer, gostava de nascer na mesma família porque tive uma infância muito feliz.

Quando era criança o que é que queria ser?

Queria ser três coisas: do circo, hospedeira ou ‘designer’. Na altura devia dizer arte, não devia saber o que queria dizer ‘design’.



Nini Andrade Silva tem vários projectos em mão dentro e fora de Portugal. São quase 30 anos de carreira recheados de prémios, mas também uma vida, quase em permanência, dedicada ao trabalho. Diz ter uma missão: transmitir aos outros as suas experiências.

O que queria fazer no circo?

Queria andar no trapézio, para andar a fazer coisas que nada tinham a ver com nada. Hospedeira era para poder andar de um lado para o outro. E ‘design’ e arte porque de facto tenho uma artista dentro de mim. E o mais engraçado é que sou as três coisas. Faço coisas que não têm nada a ver com nada, que não existem e que eu crio, ando de avião a toda a hora e sou ‘designer’. Acabei sendo as três coisas.

Portanto, é uma pessoa realizada.

Sou. Mas também lutei por isso. As pessoas têm de lutar para serem o que querem. Sei que às vezes não é fácil, mas sem lutar também não se consegue.

Mas também teve obstáculos...

Toda a gente tem. Quando se começa a trabalhar ninguém confia em nós, especialmente quando é uma coisa diferente. Se não sou conhecida e vou fazer uma coisa diferente, a primeira coisa que o cliente vai dizer é que não gosta, tem medo de arriscar. Hoje em dia, os meus clientes perguntam-me o que vou fazer e eu digo: “Confie em mim”. E é a única maneira de conseguir raciocinar.

Têm de lhe dar liberdade?

Até à última hora mudo sempre qualquer coisa e se não tenho liberdade para isso, não consigo. E claro que no princípio é muito difícil. Ser diferente é difícil. Fazer uma coisa que já existe, com mais colorido ou menos colorido, é fácil. Mas isso também nunca realiza ninguém.

Quando acabou a universidade foi logo para fora?

Sim, fui para os EUA. Ainda estava relacionada com a família Kiekeben e fui com eles. Já na altura se falava que devíamos ir para a China, porque a China era o país do futuro. Costumava ir à feira de Paris e comecei a perceber que havia o mesmo copo, chave-na, cadeira, a vender em vários ‘stands’. Comecei a pensar: “Isto tem de ser comprado em outro lado, porque esta empresa tem a mesma coisa que as outras ao seu lado”. E pensei ainda: “Vou para a Ásia”. Na altura também tive um namorado, durante dez anos – o Jean Charles –, que era suíço, director de um hotel, e tinha vivido na Ásia muito tempo, ele entusiasmou-me a ir ver os hotéis e a passear pela Ásia.

Sempre em busca de novas inspirações?

Sempre em busca de novas coisas. Novos materiais. Novas fábricas. Fui para o Japão, Filipinas, Indonésia. Hoje em dia tenho amigos no mundo inteiro.



Tem facilidade em fazer amigos?

Tenho sim. É engraçado porque muitas pessoas quando vão viajar, telefonam-me para saber o que fazer, e eu digo: “Telefona a este, telefona aquele”. Tenho amigos no mundo inteiro, é muito bom. É uma vida cheia. Claro que também tem desvantagens: enquanto as pessoas estão nas suas casas, eu ando de hotel em hotel. Lembro-me de uma vez que fiz uma viagem a Singapura e tive de ficar dois dias em Zurique, por causa do tempo, e que por causa disso uma italiana hoje em dia é muito minha amiga. Estava ao meu lado e perguntou o que ia fazer? Disse-lhe que estava a pensar vir para Portugal porque já não dava para ir para Singapura e ela disse: “Porque é que não vens à China?”. Pensei: “Ela é louca, conheci-a agora, há dois minutos, e vou para a China com ela?”. Mas depois vi que ela não tinha ar de quem me fosse fazer mal e trabalhava com metal. Pelo facto de trabalhar com o metal, ela conhecia as pessoas todas que faziam os móveis e disse que me apresentava a essas pessoas. Lá fui eu para a China com ela.

Que idade tinha?

Devia ter uns 24 ou 25 anos. Ela apresentou-me às pessoas e com ela consegui adiantar-me uns 15 anos. Como é que olha para si e para a sua profissão depois de todas essas experiências?

Com emoção. Nem tudo foram facilidades. Às vezes tenho amigos que vão fazer uma festa e não posso



“SER DIFERENTE É DIFÍCIL. FAZER UMA COISA QUE JÁ EXISTE, COM MAIS COLORIDO OU MENOS COLORIDO, É FÁCIL. MAS ISSO TAMBÉM NUNCA REALIZA NINGUÉM”.

ir porque vou viajar. Essa parte da vida perco-a muito. Mas a minha vida é o trabalho. Sempre trabalhei muito na vida.

Decora muitos hotéis, porquê?

No início, comecei a ir a feiras, a perceber que havia uma grande parte do ‘design’ que podia ser feito nos hotéis. Começaram a aparecer os ‘design’ hotéis e comecei a perceber que era um lugar onde se podia criar à vontade, há mais liberdade.

Andar de hotel em hotel ajuda nessa tarefa?

Não para copiar ideias, porque sempre que vejo uma coisa é essa mesmo que não vou fazer. Agora, ajuda para sentir as coisas. Acho muito importante, por exemplo, a cama, os lençóis, o serviço, as facilidades com que a pessoa entra e sai. Sentir o cheiro, odeio entrar num hotel em que se sinta o cheiro do restaurante ou de qualquer outra coisa. No Hotel Figueira, por exemplo, nós temos um cheiro a figo por todo o hotel. Tudo isto são sensações que vamos aprendendo por andarmos pelo mundo. Na realidade, tenho o mundo dentro da cabeça.

E como é que uma pessoa que tem o mundo dentro da cabeça depois consegue definir um estilo?

É engraçado porque as pessoas chamam-me “Ninimalista”, porque acham que sou o minimalismo mas à minha maneira. Aliás, estou a fazer agora um livro que se chama “Ninimalista”. É o facto de ter uma coisa muito própria, que as pessoas costumam dizer que é “um espaço com alma”.

É um livro sobre si?

É um livro de tudo o que fiz, o ‘design’ dos móveis, os quadros, sobre os lugares onde comprei, os lugares onde pus, os hotéis....

Está com vários projectos, não sente a crise?

A crise não se sente em todo o lado. É importante tentar dar o nosso melhor, esquecer tudo o que está à nossa volta para conseguirmos transmitir boa energia. É claro que tinha uma loja muito grande e tive de reduzir porque em Portugal as pessoas já não compram tanto. Por isso mesmo é que temos de expandir, para termos sempre trabalho para as pessoas.

Qual é o seu maior luxo?

É ir a casa.

E onde é a sua casa?

Onde pertenço!? Casa tenho várias, onde pertenço é à minha casa da Madeira. Chego à Madeira e é como se entrasse no jardim da minha casa. Dizem que a Madeira é um jardim, é pelo menos o meu. Tenho lá a minha família, grandes amigos de infância. Uma vez disse a um amigo que ia vender a minha casa na Madeira porque andava sempre de um lado para o outro,

e ele disse: “Nini, não faças isso, temos de ter sempre um lugar onde pertencemos”. E ainda bem que não o fiz, porque eu pertenço à Madeira.

Qual é o objecto que tem sempre consigo?

O meu anel do calhau, desde o dia em que o Aníbal, que trabalha comigo, mo deu. Perguntam-me sempre se é uma pedra vulcânica, fazem uma grande coisa do meu anel, é só uma pedra da praia! E como sou católica, tenho uma Nossa Senhora de Fátima, que a empregada da minha avó me ofereceu quando era criança.

E o que leva mais em viagem?

Levo sempre roupa preta e roupa branca. Se estiver assim (vestida de branco) e puser uns ténis, até posso ir correr. Se puser uns sapatos, posso ir a uma festa. Posso estar sempre bem sem ter de levar a casa atrás. Costumo dizer que estou sempre preparada para tudo. E se não estiver preparada, visto-me de atitude! Só visto cor nas férias. Tenho 15 dias de férias sagrados, que passo na Ilha de Porto Santo, e nessa altura visto as cores todas. Estou de férias, não preciso de raciocinar. Porque é assim: quando estou a trabalhar, se estiver vestida de branco ou de preto, consigo pensar em cores, que o meu corpo não interfere; se estiver de várias cores, o meu raciocínio baralha.

Qual é a sua cor preferida?

Turquesa. É a cor da cor. Dá-me força.

Como é que se define enquanto mulher?

Simples. Como um amigo meu diz: “Simples sem ser simplória”. Acho que quanto mais vejo e mais conheço as pessoas, mais simples sou. Acho que todos viemos ao mundo com uma missão.

Qual é a sua?

A minha missão foi ter andado pelo mundo, conhecer muitos povos, conhecer muitas pessoas para transmitir aos outros. E, agora, com essa gente toda que conheci, fazer com que todos juntos consigamos ajudar alguém.

É uma pessoa muito activa, sempre a pensar em tudo. Onde é que vai buscar essa energia?

Veio comigo. Tenho uma missão e já que me deram a força, tenho de a passar para os outros, tenho de ajudar os que têm menos, devíamos todos ajudar-nos uns os outros. O mundo é como o teatro, cada um tem o seu papel e nenhum é mais importante que outro. E a vida é um palco.

É assim que trabalha?

O meu atelier é a minha família. Porque, de facto, a minha família são as pessoas que estão comigo sempre, são pessoas que pertencem ao meu mundo, à minha história de vida. Não tenho um trabalho, tenho um projecto de vida. E o meu projecto de vida acaba no dia em que partir.

Fica triste sempre que acaba um projecto?

Emocionada. Não há inauguração em que não chore. Choro de olhar para tudo, faço um discurso e as lágrimas vêm-me aos olhos... é como no teatro, acaba a peça e pronto, acabou, vamos fazer outra.

Como é a sua vida além do trabalho?

É muito difícil ter outra vida que não seja trabalho, porque vivo quase sempre a trabalhar. Tenho a minha casa e a minha família na Madeira e aceitam-me como sou e isso é muito bom. O que tento ter à parte do trabalho é a minha vida privada bem guardada, para ter esse canto que é só meu.

E as suas coisas...?

Não sou nada ligada a coisas, nada, tenho tudo dentro de mim, não sou apegada a nada material. Gosto de fazer as coisas, pôr as coisas bonitas, gosto de começar coisas novas. Mas um dia vamos partir e ninguém vai levar nada consigo. Portanto, é bom ter coisas que sejam bonitas e usufruir dessas coisas, dos momentos, dos sentimentos, mas não estou presa a nada. Às vezes até perco coisas – porque perco muitas coisas! – e penso: “Oxalá que quem encontrou seja alguém que goste daquilo”.

O Edifício Ivens 31, no Chiado, foi requalificado. Tem de T1 a T5 duplex, com áreas entre os 150 e os 380 metros quadrados, com jardim, pés direitos invulgares e espaços abertos, pensados para um segmento de luxo.

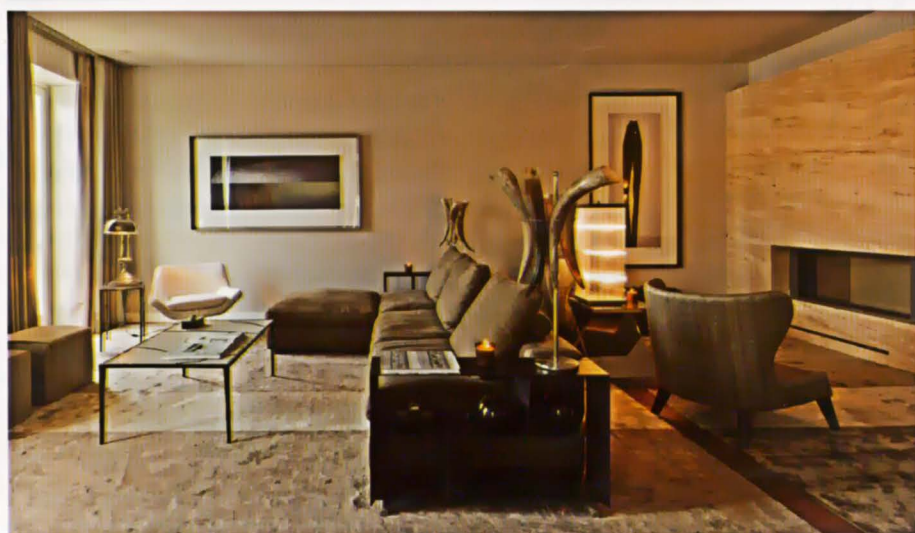
JANELA PARA LISBOA

O Edifício Ivens 31 é o mais recente exemplo de requalificação urbana no centro de Lisboa. Em pleno Chiado, destaca-se agora um empreendimento de luxo com a melhor vista sobre a cidade. E o toque de Nini Andrade Silva na decoração do andar modelo.

TEXTO DE JOANA MOURA

Nini Andrade Silva costuma dizer que o objectivo de tudo o que faz “não é o que se vê, mas o que se sente”. E desta vez não foi diferente. Contudo, se o resultado foi “qualquer pessoa que aqui entra, quer cá ficar e comprar esta casa”, como a própria ‘designer’ acredita, muito contribuiu a vista sobre a cidade: a baixa lisboeta, o Castelo de São Jorge e o rio Tejo. Ou não tivesse sido a vista dos apartamentos do Edifício Ivens 31 o centro do trabalho de ‘design’ de interiores que Nini Andrade Silva fez no andar modelo – aquele que é mostrado aos potenciais clientes. “O apartamento tem umas áreas óptimas, é um espaço cheio de luz, que é a luz fantástica de Lisboa, e quem entra não faz a mínima ideia que tem esta vista cá atrás, portanto, acho que o valor que tínhamos de dar era à vista, era lá fora. As pessoas, no fim de contas, acabam comprando o que está lá fora”. Foi por isso que a ‘designer’, que só fez esta intervenção no andar modelo, decidiu apostar em tons suaves e numa decoração “que desse para qualquer género”. Ponto assente foi, desde logo, a colocação de diferentes espelhos em vários locais do apartamento, para que qualquer ponto da casa tivesse vista para a cidade.

O projecto da ESPART, empresa do Grupo Espírito Santo, representou um investimento de 30 milhões de euros na reabilitação do número 31 da Rua Ivens, que conta com 15 apartamentos – 40% comercializados mesmo antes da sua conclusão. Este novo projecto residencial no Chiado destina-se ao segmento alto



FORAM COLOCADOS ESPELHOS EM VÁRIOS LOCAIS PARA QUE QUALQUER PONTO DA CASA TIVESSE VISTA PARA A CIDADE.

e vem reforçar a aposta na requalificação daquela zona da capital. O edifício associa o prestígio, a história e a tradição às novas tendências de arquitectura, sendo que a traça original e os elementos arquitectónicos de maior valor histórico foram preservados, não só por serem elementos fundamentais da estrutura formal dos edifícios originais, mas também por permitirem repor a memória do espaço interior.

O edifício já tem quase 80% das suas casas vendidas. E a portugueses, garante a ESPART. Nini Andrade Silva não fica surpreendida e lembra que “Lisboa tem cada vez mais turistas, que gostam da cidade e que querem comprar casa em Lisboa”, pelo que de-

fende mais intervenções deste género. E não só para turistas: “Há tantos prédios abandonados na Baixa de Lisboa, que se fossem feitos estúdios, podíamos ter esta cidade cheia de jovens a viver aqui. Há muito prédio que pode ser reabilitado, acho que isso era fantástico.”

Por enquanto estes T1 a T5 duplex, com áreas entre os 150 e os 380 metros quadrados, com jardim, pés direitos invulgares e enormes espaços abertos, estão pensados para um segmento de luxo. Quem sabe se, no futuro, as ideias de Nini não são aproveitadas da melhor forma. Afinal, como a própria diz, quem é que não quer viver numa casa destas?



CASA NA ÁRVORE

O Beautique Hotel Figueira abriu no início de Março e promete revitalizar a praça que lhe dá nome. Para já, consegue atrair muitos curiosos que querem ver o hotel que é uma figueira.

TEXTO DE JOANA MOURA

Não tenhamos ilusões: não é exactamente o mesmo que dormir numa casa construída numa árvore, daquelas que todas as crianças querem ter. Mas é, com toda a certeza, o mais próximo que se pode conseguir disso, com todo o conforto e comodidades que as quatro estrelas implicam.

O Beautique Hotel Figueira é a mais recente atracção da baixa lisboeta e percebe-se porquê: este hotel é uma figueira. Porque “não é o que se vê, mas o que se sente que é o mais importante”, como diz a ‘designer’ responsável pelo projecto, Nini Andrade Silva. A ideia foi “criar uma árvore que nasce dentro de uma casa, um bocadinho do lá fora cá dentro”, continua. E só podia ser a árvore que dá nome à praça – Praça da Figueira – onde o Beautique Hotel Figueira se situa.

Este é um hotel de charme, quatro estrelas ‘plus’, idealizado como uma figueira desde a base até ao último andar, com os troncos a passar pelos corredores e os figos a servirem de lavatórios e mesas, como é o caso da mesa do bar, que é a raiz de uma figueira que foi cortada para servir de mesa, em forma de cruz, para que os clientes se sentem à volta e possam conviver uns com os outros, ainda que não se conheçam.

Este é, aliás, o espírito de todo o conceito do Beautique Hotel Figueira: quem entra não vê directamente a recepção, depara-se antes com um bar e um res-

taurante. “Não há aquela coisa rígida de entrar e ter que ir logo fazer o ‘check in’, é como quando se entra numa casa, primeiro vamos para a sala, certo?”, diz a ‘designer’ madeirense, que vive nove meses por ano em hotéis e diz saber o que é “sentir-se só num hotel, chegar à noite e não voltar a casa”. Um ‘lobby’ informal, que afinal é um bar, com extensão para o restaurante do empresário Olivier – o que tem servido para dar vida ao hotel, já que está sempre cheio. E tudo para que “as pessoas se sintam em casa”.

Se o hóspede não vier com companhia, rapidamente arranja um amigo com quem beber um copo ou conversar um pouco. Mas, assim que sobe para o quarto, o conforto e sossego de casa está garantido: o barulho do restaurante ficou no ‘lobby’ e, no quarto, além de uma televisão e ‘wireless’, apenas existe o essencial para descansar: cama, mesas de cabeceira, roupeiros e umas cadeiras (as namoradeiras), para que possa sentar-se e apreciar a vista para a Praça da Figueira.

Também aqui houve uma preocupação com todos os detalhes, as portas do quarto são de madeira rústica para contrastar com o restante – mais sofisticado –, tal como as madeiras do pavimento do bar e restaurante, que alternam entre faixas largas e estreitas. Os móveis dos quartos, também desenhados pelo atelier de Nini Andrade Silva, são em aço, mas com um aca-

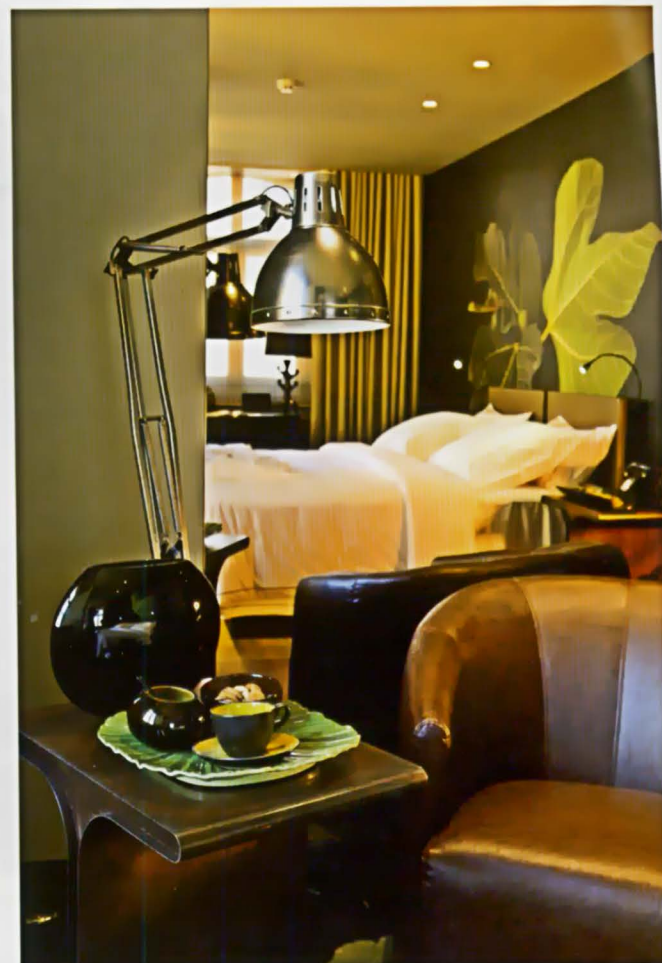


O Beautique Hotel Figueira é o primeiro passo para reabilitar aquela zona de Lisboa. Nini Andrade Silva já tem outros projectos.



bamento especial para lhe dar uma cor acastanhada e acolhedora. Tudo o resto é em tons de verde: os lençóis, as almofadas, até as toalhas têm um pormenor de verde. Nos corredores, as paredes são decoradas com projecções de figos e folhas a cair, uma ideia que a ‘designer’ já tinha há muitos anos e que permite ao hotel “mudar a decoração sem ter de mexer em nada”, explica.

O Beautique Hotel Figueira foi inaugurado no início do mês de Março e é propriedade do grupo luso-indiano AR, que tem planos de abrir mais quatro hotéis de charme no centro de Lisboa brevemente. Nini Andrade Silva já está a trabalhar nesses projectos, enquanto espera pela autorização para abrir a esplanada que está prevista para a frente do hotel e que, acredita, “vai transformar esta praça”. “O hotel é um ponto de luxo na praça, mas há a Confeitaria Nacional aqui ao lado, a Pastelaria Suíça e todos estes comerciantes, que se tivessem a praça arranjada venderiam muito mais”, afirma a ‘designer’, que tem tam-



bém projectos para revitalizar aquela zona lisboeta. Nini Andrade Silva garante: “Na minha cabeça estou a trabalhar nesse projecto e tenho a certeza que não vai ser uma grande dificuldade”. No fundo, o objectivo que deu origem a este hotel de charme é “fazer com que a Praça da Figueira seja o ‘Uau’ da baixa de Lisboa”.

O Beautique Hotel Figueira levou apenas dez meses a construir. Falta-lhe alguma coisa? “Um terraço”, confessa Nini Andrade Silva. “Adorava ter um terraço, é deixar os ramos saírem e as folhas crescerem, com uma vista lindíssima para a cidade”, explica. “É a única coisa que falta. Mas penso que vamos ter”, acredita. Só podemos concordar.

COMIDINHA DA AVÓ EM AMBIENTE ULTRA URBANO

Chama-se Honra e é o novo espaço gastronómico de Olivier. Localizado no ‘lobby’ do Hotel Figueira, o mais recente restaurante do ‘restaurateur’ é uma ho-

UM HOTEL IDEALIZADO COMO UMA FIGUEIRA DESDE A BASE ATÉ AO ÚLTIMO ANDAR, COM OS TRONCOS A PASSAR PELOS CORREDORES E OS FIGOS A SERVIREM DE MESAS.

menagem à gastronomia tradicional portuguesa. Os pratos típicos são as sugestões para almoçar ou jantar, e, durante a tarde, a pastelaria e doçaria conventual são rainhas. “Sempre quis ter um restaurante com a comida da minha avó”, diz Olivier. E foi este o mote do Honra, que tem desde os ovos mexidos com farinha e tomate, às favinhas guisadas. E gosta de dar o exemplo: “Contei com a minha avó, de 86 anos, para ajudar a definir a ementa e para ensinar como se fazem as melhores ervilhas com ovos escalfados”, revela o empresário.

Comidinha da avó num ambiente moderno e sofisticado, que contrasta com os pormenores rústicos de Nini Andrade Silva, como as paredes de pedra que parecem inacabadas ou as faixas de madeira do pavimento irregulares a fazer lembrar as casas de campo.

RELAXAR COM VISTA PARA O CASTELO

O último andar do hotel não foi esquecido por Nini, e foi lá que idealizou um pequeno spa, onde os hóspedes podem relaxar numa câmara de sauna ou banho turco, com vista para o castelo de São Jorge. Ou então, optar por um dos tratamentos disponíveis. Relaxamento, revigorante, desintoxicante, há um pouco de tudo e o melhor ainda é experimentar todos em um: o tratamento “Beautique” inclui as várias técnicas de massagem, do ‘shiatsu’ à reflexologia, passando pela drenagem, e integra ainda uma exfoliação à base de azeite biológico e óleos essenciais, que são preparados no próprio spa, de acordo com o tipo de tratamento indicado para o hóspede. São duas salas à disposição, com balneários e um espaço de relaxamento, onde no fim se bebe um chá revigorante. ☺